

CARTOGRAFIA AFETIVA: MAPEAMENTOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS ENTRE EDUCAÇÃO E CINEMA

Cinthy Emanuelle Ferreira da Silva

cinthyaefs@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/1797755916094273>

Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres

flavia.peres@ufrpe.br

<http://lattes.cnpq.br/2493398194909644>

RESUMO

O presente artigo aborda a cartografia afetiva como base teórico-metodológica utilizada em uma pesquisa de mestrado acadêmico sobre educação, afetos e cinema, que buscou analisar como os espaços de cinemas potencializam interações que ali se constituem e, se enredam nos processos educativos das juventudes. Jovens estudantes do ensino médio foram levados a três importantes salas de cinema de Recife, os cinemas da Fundação Joaquim Nabuco, os quais se distanciam da proposta comercial de outros cinemas. As vivências naqueles locais foram acompanhadas e cartografadas pela professora pesquisadora. Relatos foram produzidos pelos estudantes e os enunciados foram analisados à luz da Análise Dialógica do Discurso. Neste artigo, o enfoque é a utilização do método cartográfico de caráter processual, voltado para o acompanhamento de processos, considerando nessa perspectiva a postura autoral da pesquisadora, sua trajetória e seu envolvimento na construção da referida pesquisa.

Palavras-chave: afetos; cartografia afetiva; cinema; educação; juventudes.

Introdução

A cartografia afetiva ou cartografia sentimental é uma abordagem de caráter processual, que, portanto, se configura como uma via fluida que se afasta do cartesianismo que marca a ciência moderna, convergindo com propostas que buscam um processo dinâmico. Compreendido que é o fazer científico de atravessamentos nos encontros provocados pelos atos de fazer uma pesquisa, a cartografia não nega esses encontros, ao

contrário, defende-os como fundantes das afecções que marcam qualquer pesquisa: Encontros entre o pesquisador e seu campo de estudos, entre teorias que emprestam suas vozes ao trabalho, entre sujeitos que circulam nos espaços em que a investigação acontece, entre afetos que emergem do contexto mesmo da pesquisa.

Neste artigo, nos ocupamos em explorar a abordagem cartográfica na aplicabilidade de uma pesquisa acadêmica que envolve a tríade: educação, cinema e afetos. Os conceitos de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik, acerca da cartografia afetiva ou dos afetos nos permitiram algumas luzes sobre as intrincadas teias que ligam processos de subjetivação à concretude das experiências de sujeitos, em espaços configurados como instâncias que seguem ordenamentos, lógicas e políticas. No presente trabalho, dois desses espaços se cruzam nas ações da pesquisa que teve como base a cartografia afetiva: a escola e o cinema.

O objetivo geral na pesquisa foi compreender as relações dialógicas entre processos de subjetivação, vivenciados por estudantes do ensino médio em espaços de cinema, e processos educativos com intencionalidade pedagógica, a cartografia afetiva ou cartografia dos afetos se configurou como a abordagem que se entrelaçou adequadamente ao nosso foco. A ideia de cartografar os afetos que se constituíram a partir da proposta de levar estudantes do ensino médio de uma escola pública em que a professora pesquisadora leciona, aos três cinemas da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), em Recife, surgiu no primeiro semestre do curso de mestrado, porque ali foram ministradas algumas disciplinas. Transitar e estudar em um local que abriga uma icônica sala de cinema e que representa um espaço de resistência para a cultura de nossa cidade afetou a pesquisadora e contribuiu para a escolha da cartografia como base teórico-metodológica da pesquisa que realizamos.

Assim, foram articuladas idas a três espaços de cinemas da Fundação Joaquim Nabuco (Derby, Cinema do Museu e Porto Digital), com 26 estudantes do 3º ano do ensino médio. Esses espaços foram pensados e organizados com a finalidade de promover a cultura, privilegiando o audiovisual brasileiro, com uma programação diversa que dá espaço às produções locais, a partir da exibição vídeos, filmes e, também, de festivais internacionais, como por exemplo o festival Varilux de cinema francês. O valor do ingresso é acessível, as salas são confortáveis e dispõem de sistema sonoro de alta tecnologia.

Além disso, na sala situada à zona norte de Recife, a Fundaj conta com o Museu do Homem do Nordeste, no qual é possível uma experiência cultural ainda mais rica. Por isso, se chama Cinema do Museu.

Em três momentos distintos a professora pesquisadora, que leciona na escola em que os jovens estudantes participantes da pesquisa estudam, acompanhou o grupo, observou e mapeou as teias afetivas que se constituíram a partir daquelas experiências nos espaços de cinema e, da análise dos enunciados, à luz da análise Dialógica do Discurso (ADD) de Mikhail Bakhtin, presentes nos relatos pelos estudantes.

O trabalho aqui apresentado está organizado da seguinte forma:

1. Cartografia dos afetos

Pela adoção da cartografia na construção da base teórica ponderamos sobre a impermanência no julgamento do que deveria ser observável em uma cartografia, ao ponto de ser considerado como foco de atenção.

A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem a aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro (Kastrup *et al.*, 2009, p. 10).

Segundo Deleuze, os processos de subjetivação são as formas como os sujeitos pensam a si mesmos.

“O Si Próprio (*Soi*) não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos” (Deleuze, 1989, p.187).

A abordagem histórico cultural ou sociocultural do psiquismo humano de Vygotsky (2003) é uma perspectiva na qual ancoramos nossos estudos. Por entender que somos perpassados por diversos tempos históricos e, no caso de nossa pesquisa, considerando o próprio tempo histórico dos cinemas, essa perspectiva se alinhou à investigação realizada.

Foi preciso ressaltar que uma pesquisa que pretende investigar afetos só pode ser pensada observando os contextos que pavimentaram a sólida proposta dos cinemas da

fundação, bem como as peculiaridades das juventudes periferizadas e das histórias individuais. “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (Vygotsky, 1989, p. 33).

Além do mais as Sessões Escola, uma façanha espetacular da Fundação Joaquim Nabuco, que consiste em um formato de exibição de filmes com uma curadoria que visa especificamente ao público estudantil, disponibilizando sessões inclusivas (com audiodescrição, libras etc.) seguidas de debates ou de momentos pedagógicos com educadores para a discussão de temáticas relacionadas às obras do audiovisual exibidas.

Assim, observar e mapear os afetos de jovens estudantes que se constituem a partir das experiências nos três espaços de cinema da Fundaj, tornou-se uma jornada afetiva na qual a abordagem cartográfica foi inspiradora para todos os envolvimento do fazer pesquisa. Entre estes envolvimento, a organização metodológica propriamente dita, que diz respeito à forma como lidamos com a ideia de dados em uma pesquisa, precisou refletir o que há de sistêmico e dinâmico no processo, para não cair em dicotomias que envolvem os processos de construção e análise.

Foi então que a construção da rede afetiva que gostaríamos de analisar precisou dialogar com teorias que já nos atravessam e cujas lentes fazem parte de como a pesquisadora se encontrava, ela própria, nesses espaços de cinema e suas teias. Assim, emergiu do processo a ideia de receber relatos elaborados pelos estudantes, que, à luz do dialogismo de Mikhail Bakhtin, nos permitiu compreender a cartografia dos afetos como fundamento em uma investigação que se pauta no caráter dialógico da linguagem e das próprias relações humanas.

Apesar de entendermos que seguem linhagens epistemológicas diferentes, argumentamos que a polifonia dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, bem como a ideia de dialogismo e enunciado, se sustenta em bases teóricas não incompatíveis com a cartografia. Ainda que tenha sido importante lançar miradas que desocidentalizem qualquer ranço estrutural presente na obra de Bakhtin, seus conceitos nos ajudaram a ver o jogo de vozes presentes e os afetos que carregam, apontando para forças afetivas no processo. Não adentramos aqui nos conceitos bakhtinianos acerca das relações dialógicas, posto que

nosso foco, neste artigo, é dissertar sobre a perspectiva cartográfica e sua aplicabilidade em pesquisas como a nossa e, até sua viabilidade em estudos adjacentes.

Por exemplo, a suscetibilidade dos indivíduos aos inúmeros agenciamentos circunscritos em todas as instâncias nas quais estejam envolvidos, mais especificamente os grupos de pessoas e os signos ou enunciados implicados no processo de formação de subjetividade, embora tenha sido possível pelas lúps dos conceitos de Bakhtin, foi alavancado pelo dinamismo da cartografia afetiva, para captar a dinâmica propriamente desses aspectos.

Outro conceito exemplar é o de agenciamento coletivo trazido por Guattari (1986) na obra *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, que nos mostrou a multiplicidade de fatores implicados na subjetividade dos sujeitos e favoreceu a organização teórico-metodológica da pesquisa.

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais (Guattari, 1986, p.31).

São vastas as instâncias implicadas na produção de subjetividade e individualidade. Na mesma obra e página o autor afirma que os termos *indivíduo* e *subjetividade* deveriam ser dissociados.

A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social (Guattari, 1986, p.31).

Na mesma direção, Vladimir Safatle (2016) diz que modos de vida podem ser produzidos, reproduzidos ou transformados a partir dos afetos configurados.

Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de

ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através das afecções (Safatle, 2016, p. 16).

A ideia de configuração afetiva e de um campo de possíveis chama-nos para uma visão muito mais processual, que coloca os sujeitos como parte de um processo a se transformar no momento mesmo da pesquisa, do campo, do encontro e os modos de ordenamento possíveis carregam esse dinamismo em sua fundação ou concepção da cartografia dos afetos. Na próxima seção, articulamos a cartografia, como solo fértil, e as ramificações afetivas que brotaram desse solo, a partir das afecções da pesquisa em foco.

2. O método cartográfico como base teórica

Uma vez que a cartografia está menos direcionada para a caracterização de coisas ou situações e mais focada em acompanhar processos, a pesquisa cartográfica foi a perspectiva que consideramos mais adequada para verificar como afetos são constituídos por jovens estudantes nos espaços de cinema e quais brechas, fissuras e rupturas foram produzidas ali, por aqueles indivíduos, naquelas vivências.

Segundo Kastrup (2009), “Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo” (Kastrup, 2009, p. 91).

Foi preciso considerar a complexidade afetiva do contexto histórico pelo qual fomos atravessados na contemporaneidade. No âmbito da política nacional, nos últimos anos, ocorreu o esfacelamento dos sistemas de cultura, acarretando um forte impacto econômico na cadeia produtiva do audiovisual pela redução de investimentos.

Por exemplo, acerca das *políticas de subjetivação*, a autora fala da mutabilidade destas em relação ao regime instaurado.

Sabe-se que políticas de subjetivação mudam em função da instalação de qualquer regime, pois estes dependem de formas específicas de subjetividade para sua viabilização no cotidiano de todos e de cada um, onde ganham consistência existencial e se concretizam (Rolnik, 2016, p. 13).

A emergência de afetos antidemocráticos no Brasil, após as eleições em 2022, manifestados a partir de protestos em frente a quartéis, conclamando as forças armadas à uma intervenção militar, nos parece ser uma analogia possível acerca do que disse Rolnik. Sobre as formas de sentir e captar o mundo, a autora apresenta a *capacidade de percepção* e a *vibratilidade do corpo*, considerando a primeira mais associada ao tempo e à história do sujeito e a outra, mais inexplorada. “Já que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações” (Rolnik, 2016, p.12).

A complexidade do olhar do cartógrafo é demonstrada, a partir do que Rolnik traz acerca da tensão do paradoxo: *vibratilidade do corpo* e sua *capacidade de percepção*, pela coexistência destes dois tipos de olhar: “primeiro por meio da percepção, ângulo mais habitualmente frequentado por textos ensaísticos, depois por meio do olhar vibrátil, mais raramente convocado nesse tipo de investigação” (Rolnik, 2006. p.13). E Virgínia Kastrup, em *Pistas do Método da Cartografia*, explica a essência dessa abordagem: “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Kastrup, 2009, p. 10).

Ao refletir sobre a própria vivência socioafetiva em cinemas de rua, a pesquisadora aponta a mobilização de afetos envolvidos no ato de ir ao cinema. Nas idas aos cinemas de rua, foram situações noturnas, na companhia de amigos ou do esposo para assistir a produções nacionais ou a festivais de filmes estrangeiros. O ponto alto neste contexto eram exatamente os filmes.

Nas idas aos cinemas em shoppings, marcadas pelo aroma da pipoca, que representa uma memória olfativa referente a estes locais, já se configurou uma experiência que envolveu, por vezes, a necessidade de acessar um serviço ou produto que esses locais dispõem, aliada à uma programação de passeio e entretenimento. Neste último contexto, a obra do audiovisual, propriamente dita, não representa o auge ou o ponto principal da experiência cinematográfica. As salas lotadas sobretudo às sextas-feiras e aos fins de semana, a quantidade de pessoas abrindo e fechando embalagens de guloseimas, o ato de se alimentar enfim, numa movimentação incessante pelo manuseio dos lanches e

bebidas desconcentram um pouco, tornando aquela experiência por vezes um pouco perturbadora.

Entendemos que cada indivíduo pode ser afetado de maneiras distintas pelas expressões artísticas. A simbologia de assistir a um filme para alguns pode ser equivalente a um momento de descontração e lazer e, pode estar associado a conversas dentro da sala e, também, ao uso de telefone, porque esse movimento lhes parece natural e não significa uma interrupção ou incômodo. Pelo contrário. Neste contexto, o evento é multifacetado e composto por todas essas ações. Para outros, adentrar uma sala de cinema representa uma ritualística: chegar com certa antecedência para garantir o ingresso na bilheteria, talvez tomar um café ou fazer um lanche e seguir, pontualmente, para a exibição do filme.

Nesta ótica existe uma espécie de magia contida naquele evento, quase uma preparação para aquele momento de sentar para assistir a um filme e, muitas vezes, se maravilhar com aquilo tudo.

Já o formato da experiência de ir aos cinemas em shoppings é agenciado pelo mercado. O consumo é o foco e o filme é mais um dos produtos em meio aos demais itens a serem consumidos naquele ambiente desenhado para compras. Os estímulos visuais e sonoros, a movimentação de pessoas, as lojas e espaços de jogos e outros entretenimentos reunidos em um único lugar são atrativos, sobretudo ao público jovem. Além disso, transitar em um local, supostamente seguro e que agrupa diferentes tipos de serviços e comércio, pode significar uma facilidade de acesso à população de maneira geral, provocando ou acentuando o desejo pelo consumo.

A vontade de promover ou ampliar a curiosidade pela história de Recife, já que o cinema da Fundação completou 25 anos em 2023 e, tem grande importância histórica e cultural para a nossa cidade, demonstra o *caráter político da prática do cartógrafo*.

Para detalhar essa relação entre os desejos – os afetos – e o caráter político da prática cartográfica, novamente apresentamos conceitos de Rolnik.

Por outro lado, o *caráter político da prática do cartógrafo tampouco tem a ver com uma suposta “liberação do desejo”*, projeto que sustentou por exemplo os mundos criados na contracultura. Para aquele tipo de projeto, alimentado por um *imaginário de libertação*, desejo é natureza, energia em estado bruto, a qual uma vez liberada

nos levaria ao paraíso. Aqui, como vimos, trata-se exatamente do contrário: desejo é artifício; são aglomerados de afeto-e-língua, indissociáveis, formando constelações existenciais singulares. É esta a sua natureza. Portanto, *dizer aqui que a prática de análise é política tem a ver com o fato de que ela participa da ampliação do alcance do desejo, precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de produtor de sociedade* (Rolnik, 2016, p.70).

De caráter político e processual, a prática da análise cartográfica tem a potencialidade de ampliar esse *alcance do desejo*. Nessa perspectiva, o cartográfico não se pauta unicamente na observação, mas no acompanhamento e na inferência, porque está implicado nas relações que estabelece com os sujeitos investigados. Assim, pensar e trazer a arte como instrumento político, na ótica da pesquisadora, se configurou como uma ferramenta profícua no campo pedagógico e da pesquisa científica.

Considerações finais

A abordagem cartográfica apareceu-nos como perspectiva teórico-metodológica profícua em uma pesquisa acadêmica com temática que envolveu a tríade: educação, cinema e afetos. As teias afetivas constituídas a partir das vivências em espaços de cinema da Fundaj não só foram mapeadas pela pesquisadora, mas se enredaram nos processos educativos de jovens estudantes e afetaram também a pesquisadora envolvida.

O papel precípua dos espaços de cinema da Fundaj de promover cultura, não reduz a potencialidade educativa destes locais. Entendemos que é preciso cada vez mais potencializar acesso a outros públicos, outras juventudes, no intuito de que conheçam a Fundação e as Sessões Escola, conectando-se com o universo do audiovisual em uma engrenagem cultural de aspirações formativas e educacionais de grande significância as subjetivações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

ROLNIK, Suely: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**, Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. [Digite o Local da Editora]: Grupo Autêntica, 2016. E-book. ISBN 9788582178720. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178720/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

VYGOTSKY, Leontiev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, especialização em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife (FAFIRE) e mestrado em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco associado à Fundação Joaquim Nabuco e, no campo da vida não acadêmica, atua em atividades artísticas de canto e atuação cênica.